

# PESCA, CULTURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO QUINTO ANO DA ESCOLA BORARI, NA VILA BALNEARIA DE ALTER DO CHÃO

Cintia de Sousa Malcher<sup>1</sup>, Doutor Rubens Elias Silva<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Pedagogia. - ICED – UFOPA; E-mail:cintiamalcher\_stm@yahoo.com.br, <sup>2</sup> Professor Doutor Rubens Elias Silva. ICS UFOPA. E-mail:mytheores@yahoo.com <sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho faz o relato das ações realizadas nos doze meses de pesquisa e extensão, nas quais visava estabelecer diálogo sobre os saberes produzidos na universidade, escola e comunidade, a partir das propostas do projeto. A Escola Indígena Borari Professor Antônio de Sousa Pedroso, localizada na vila de Alter do Chão, município de Santarém, estado do Pará foi a contemplada. Instituição de ensino municipal que atende alunos da Vila de Alter do Chão e crianças da região do Eixo Forte e Comunidades vizinhas. A turma selecionada foi a do quinto ano do ensino fundamental do turno matutino, cobrindo cerca de 14 alunos. A produção de saberes sob o ponto de vista dos comunitários acerca do universo da pesca, seus espaços de produção e os cuidados que todos devemos ter, está diretamente ligada ao assunto sobre o desrespeito às águas dos rios e lagos, que devem ser adequadas para os diversos fins sociais a que se destinam, assim como as condições sanitárias da vila, as quais influem diretamente na questão das águas, além de abrir discussão para uma visão estratégica, pois consideramos a pesca uma atividade importante nos seus mais variados aspectos da vida social, econômico, cultural, histórico e de ocupação do território das águas. A dimensão sociocultural da Bacia Amazônica e tapajônica para suas populações nativas e a heterogeneidade ambiental são fatores cruciais no que diz respeito à importância para a manutenção de sua alta sociobiodiversidade.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Pesca; Vila de Alter do Chão.

## INTRODUÇÃO

O risco de perda dessa biodiversidade é um desafio para todos na atualidade, de modo que esse desafio deve assegurar um planeta sustentável para as gerações futuras. Por isso, as questões ambientais relacionadas à conservação do meio ambiente estão diretamente ligadas à educação, pois a consciência de preservação se faz também através da escola que, por sua vez, traz a vivência do cotidiano para enfatizar e ilustrar tais ações de preservação, como, por exemplo, no caso de Alter do Chão, típica vila ribeirinha amazônica onde a água é a protagonista social, tanto na pesca de subsistência e comercial, quanto para o turismo, tornando nosso trabalho mais palpável e rentável na medida em que as experiências cotidianas brotam de maneira simples e de forma direta por pertencer à vivência dos alunos. Assim, pode-se fazer a coleta de dados de maneira precisa de seus saberes partilhados como simples formas do seu dia a dia pessoal, eles (alunos) relatando o contexto social em relação à comunidade no qual estão inseridos.

Estimular os alunos a perceberem a importância da preservação das águas na comunidade e, assim, saber de suas vivências sobre o tema proposto, buscando indagar do seu cotidiano, de suas famílias e da comunidade, a fim de reconhecer como consiste um tema tão pertinente se tratando de uma comunidade ribeirinha; tratar sobre a reflexão dos impactos ambientais trazidos pelo turismo na orla de Alter do Chão, motivando os alunos a atentar-se sobre os benefícios de tal prática e seus efeitos em termos econômicos, culturais e ambientais; e estimular para que eles proponham alternativas sociais para a redução desses impactos no cotidiano da comunidade motiva-nos a reconhecer a importância de suas ações. Com isso, o presente trabalho tenta apresentar algumas linhas de pensamento do desenvolvimento sustentável, para que os alunos possam refletir sobre seus problemas a partir de reflexões teóricas, permitindo a eles uma troca de conhecimentos sobre o mundo da pesca, que representa importância na ação, na economia e na subsistência, nos seus espaços de produção, no pescado e nas tecnologias utilizadas na possível relação com a preservação ambiental.

## MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia aplicada no trabalho foi qualitativa porque possibilitou compreender as dinâmicas culturais aqui colocadas. Porém, foi necessária a aplicação de questionário para dados quantitativos (Em anexo), cujo objetivo seria conhecer a realidade dos alunos do ensino fundamental e, através de análise desta, aprofundar o conhecimento quanto as suas realidades, quanto aos cuidados que devemos tomar no que diz respeito à educação ambiental e quanto à percepção que esse cuidado afeta diretamente no seu cotidiano e no que é tido como seu lugar. A dinâmica desta etapa consistiu em sensibilizar os alunos a respeito da importância de levantarmos esses dados no sentido de orientarmos nosso trabalho extensionista de modo eficaz: detectar problemas e propor reflexões de intervenção. Os preceitos metodológicos de Thiollent (1996), fundados na proposta da pesquisa-ação, estão sendo fundamentais e basilares na nossa atividade de extensão. A observação e a proposta de debates interdisciplinares no contexto dessa pesquisa de campo foram também atividades desenvolvidas com os alunos, suas percepções de cada assunto levantado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros com a turma foram estipulados para as três quintas-feiras primeiras de cada mês. O horário que a escola atendida nos disponibilizou foi das dezesseis as dezessete e trinta, cerca de uma hora e meia, que os próprios alunos intitulavam de "dia do projeto". Seguimos o cronograma estipulado, no qual trazia um tópico ou tema diferente a todas as aulas. Esses eram trabalhados de diversas maneiras, com práticas pedagógicas diversas: roda de conversas, propostas de desenhos, elaboração de pequenos textos, onde a intensão, após apresentação do tema, era ouvir as experiências dos alunos e assim fazer uma reflexão sobre tal questão. A apresentação dos temas também contava com diferentes didáticas, com apresentação em slides, vídeos ou exposição oral. Houve a necessidade de adaptação do cronograma por conta da necessidade de ajuste do mesmo com o calendário escolar, já que a escola possui o calendário dela, adaptado junto às festas e diferentes manifestações culturais da Vila, dando a entender que a escola possui total integração com a comunidade.

Logo no primeiro tema apresentado para debate: “Água: fonte indispensável e esgotável se não preservada”, observamos o quanto esse tema é pertinente, já que todos os 16 alunos que compõe a turma do quinto ano foram unânimes em enfatizar o quanto a água faz parte do cotidiano deles, sendo do ponto de vista econômico, como a pesca e o turismo, seja para o lazer. A proposta foi a princípio uma roda de conversa onde cada um dos alunos relacionaram as águas com seus momentos de lazer, todos eles relataram que tanto o rio quanto os igarapés das comunidades em torno da vila são os principais ambientes utilizados para as suas brincadeiras e recreações em família. Logo, propomos um texto escrito para mais detalhes de suas experiências; alguns enfatizaram o respeito para com as águas, não só pela preservação dos lugares, mas em respeito aos seres que cuidam dos rios e igarapés, e que castigam aqueles que fazem o contrário, a “Mãe d’água” e “Mãe do Igarapé” foram citadas por alguns, sendo as guardiãs desses lugares; citaram também que a hora para fazer uso desses espaços não pode ultrapassar às dezoito horas com risco de punição por esses seres; outros enfatizaram a pesca e algo presente em seu cotidiano que garante, além do lazer, o sustento, no caso dos filhos de pescadores artesanais, mas foram unânimes no que diz respeito à vontade e apelo pela a preservação desse bem comum, a água. Quando, na utilização das águas em seus afazeres domésticos e a utilização geral em residências, a proposta foi salientar a questão de “como?”, “onde?” e “para onde?” vão as águas utilizadas. Foram apresentadas as questões da água encanada, ou oriunda de poços artesanais, quanto ao descarte da água utilizada, se a residência dos alunos possuem sumidouros ou se é dispensada via esgoto. Dos diferentes tipos de esgotos, sobre tratamento de água e principalmente como o saneamento básico é importante e o que a falta dele ocasiona para nosso bem estar e saúde, dado o fato do total conhecimento quanto a esses fatores, decidimos levantar dados mais específicos, então aplicamos pesquisa quantitativa a fim de conhecer a realidade de cada aluno ali inserido. Foi aplicado o questionário “Água em nosso lar” (em anexo). Com o universo amostral de 12 alunos de nove a treze anos, obtemos o seguinte resultado perante tais questões: 66,7% afirmou possuir poços artesanais em casa, portanto apenas 33,3% das moradias dos alunos faz uso da água de encanada, que no caso da vila de Alter do Chão, conta com um microssistema de abastecimento de água; quando perguntados se utilizavam a água retirada diretamente do rio para seus afazeres doméstico, a maioria 97,7% respondeu que não, apenas 8,3% afirmou que utilizam para os variados afazeres diretamente do rio; quanto ao descarte da água já utilizada, 41,7% afirmaram possuir sumidouros em suas residências para esse fim, ou seja, 58,3% garantiram não possuir esse recurso, sendo assim 58,3% responderam sim no que diz respeito a descartar água já utilizada em esgoto; em relação ao esgoto, 41,7% nos garantiram que este se encontra em sua rua, que é subterrâneo porém 41,7% afirmou que contam com esgoto a céu aberto em suas ruas, 16,7% não souberam responder.

Depois partimos para o tema “Lixo” que decorreu em todo o mês de maio. Esse tema levou a vários sub temas como o tempo em que o lixo leva para se decompor. Procuramos ouvir a realidade da vila de Alter do Chão quanto à coleta seletiva do lixo. Segundo questionário aplicado o carro do lixo passa duas vezes por semana fazendo a coleta na Vila, porém ainda assim cerca de 30% das casas onde habitam a família das crianças que responderam o questionário queimam o lixo produzido no quintal.

Outro subtema que causou um forte interesse na turma foi o relacionado às doenças causadas pelos vetores que habitam em lugares onde o lixo está exposto. Segundo eles, em roda de conversa, foi ressaltado que, após festas na vila como Çaire, Carnaval e Festival Borari, toda a vila e a praia ficam repletas de lixo. Nessas rodas de conversas, “os visitantes”, os alunos citaram como protagonistas das histórias de desrespeito à natureza, sujeira na praia, arruaça das ruas na vila e bebedeiras, os turistas e pessoas de outras localidades que visitam a vila nos finais de semana; as crianças observaram sempre quanto a má educação dos visitantes. No início do mês de junho, desenvolvemos o tema: Mananciais. O aquífero Alter do Chão foi objeto de estudo, o mais interessante foi o desconhecimento dos alunos de tal aquífero, algo que causou curiosidade. A aula foi dinâmica e entre a pausa dos slides apresentados surgiram muitas perguntas, a mais capciosa foi o porquê do aquífero ter o mesmo nome da vila. Esse questionamento virou preocupação após a resposta que haveria um grande movimento para que tal aquífero se chamasse “Amazônia”. O que se percebeu foi o grande orgulho no que diz respeito àquele local. As crianças se sentem privilegiadas por habitarem em local que, segundo elas, um dos mais bonitos do mundo, e citam a reportagem de uma revista internacional que ranqueou as praias do mundo e considerou Alter do Chão a número um, no que se refere à beleza natural.

A preservação do aquífero foi outro tema debatido, e as soluções dadas pelos infantes foi justamente a preservação das águas. Percebemos a preocupação dos mesmos quando um deles citou a tragédia da cidade de Mariana no estado de Minas Gerais, onde uma barragem de rejeitos de Minérios se rompeu e acabou desaguando no Rio Doce. Uma aluna levantou a questão: “Professora isso pode acontecer no Rio Tapajós?”, um outro aluno respondeu: “Uma lama daquela acabaria com tudo isso aqui”.

Assim, alteramos mais uma vez o cronograma, já que aqueles questionamentos nos levou a falar sobre as mineradoras que lavam rejeitos de minérios nas águas do Rio Tapajós.

Logo, junho foi o mês para abordamos o tema: “Poluição” e em seguida abordamos “Os riscos de perda de recursos aquáticos”. Esses temas levaram à discussão quanto ao impacto da pesquisa feita pela Universidade Federal do Oeste do Para fez com relação à balneabilidade das águas da praia de Alter do Chão. Levamos reportagens sobre o acontecido e, tanto os alunos como o professor, que a após a nossa divulgação não foi favorável em alguns pontos impróprios para banho, se mostraram chateados com a instituição e incrédulos em tal pesquisa: “ O problema é que a Ufopa vem fazer a pesquisa onde durante anos consumimos e tomamos banho, e nunca aconteceu nada com ninguém, por isso fica difícil acreditar nessa pesquisas” disse o professor; e continua : “ Os visitantes deixaram de “vim” para cá, mas nós não deixamos de usufruir da praia e não aconteceu nada com ninguém, a não ser com quem depende da praia para sobreviver que deixou de trabalhar e sofreu muito”. Uma aluna completou: “Professora minha mãe foi dispensada da barraca nessa época. Ela cozinhava e, como não deu mais ninguém para comer lá, ela ficou uns dias em casa parada”. Notamos o quanto as famílias dependem do turismo para sobreviver: a sala de aula contava com um aluno filho de pescador, outra aluna onde a família é proprietária de pousada; dois, neto e filho, de comerciantes; a maioria ali sofreu impacto direto com a queda do número de visitantes na Vila naquela ocasião. Então propus que pensássemos o porquê de toda a polêmica que envolvia o laudo da Universidade em relação à balneabilidade das águas. A resposta surgiu de uma menina de dez anos e que logo após todos argumentavam com a mesma afirmação: A menina respondeu convicta: “Professora, a caixa d’água da vila estava suja, então algumas pessoas ficaram doentes, e colocaram a culpa na praia, foi isso”. Eu questionei: “quem disse isso para você?”, ela respondeu: “Meu pai, minha mãe, o professor, todos sabem que foi isso”. Percebemos a insatisfação quanto à pesquisa de balneabilidade promovida pela Universidade. Porém, a incredulidade se dá por força da queda na economia local, que foi afetada diretamente pela ausência de banhistas nas praias que, naquele período, encontravam-se impróprias para banho, segundo a pesquisa. Contudo a pesquisa foi baseada em Lenzi(2006) quando trata da linha de desenvolvimento sustentável, que, segundo ele, reside na possibilidade de um

crescimento econômico ecológico, ou seja, na ideia de compatibilizar economia com proteção ambiental. Este discurso tem alcançado um reconhecimento mundial e diz que, sustentabilidade seria um conceito moral ou normativo por unir questões morais ao tema da proteção ambiental. É o que está implícito na linha narrativa do discurso em até outras linhas de conceitos sobre as questões ambientais.

Agosto foi mês de falarmos sobre Cultura local. Começamos pela festa do “Çairé” (com “Ç”). Cometi o equívoco de levar uma reportagem onde a palavra Çairé, estava com a escrita “Sairé” com a letra “S” e fui unanimemente reprovada. Este se tornou o principal tema do debate: “está errado!”, é o que todos gritavam; resolvemos, então, começar a discussão dali. Logo um aluno disse: “Professora Çairé é com Ç, é um nome indígena, as pessoas não entendem e insistem em escrever errado, não faça mais isso”. Entendemos o quanto aquilo era sério para ele, apenas um aluno em meio aos dezesseis que estavam presentes disse: “Não me importa Çairé, eu não acredito em lenda, não acredito em boto, tudo isso não é verdade”. E como ele já havia dito quando a discussão era sobre mãe de igarapé, também se disse não acreditar e acrescentou: “Acreditar em lenda, boto, toda essa estória é como tomar sopa com garfo, mas Çairé professora é com Ç, é uma tradição, sabe? Essas coisas que as pessoas inventam”. Após me desculpar da gafe, apliquei um exercício que consistia em descrever o que seria o Çairé para eles, suas experiências sobre tal festa. Apenas dois dos dezesseis presentes se disseram não gostar da festa e observaram que preferiam o carnaval, festa que também se tornou uma tradição na Vila Balnearia. O restante definiu Çairé como melhor época do ano e relataram suas participações nas danças e ritos religiosos junto com suas famílias. Ao final, propuseram cantar uma música segundo eles do Sairé e que dizia assim: “Em Alter do Chão não se sente dor, tem um povo pobre mas acolhedor”. Parecia uma letra voltada aos visitantes. As meninas levantaram das cadeiras e enquanto cantavam, dançavam também, mostrando desembaraço e habilidade com a dança. Se comparadas com outras meninas da mesma idade, dez anos, com certeza essas demonstram mais habilidades. Quando observei tal fato ao Professor, este me respondeu: “Professora, elas nascem dançando. Pergunte para elas qual é um dos sonhos delas”. Então questionamos as meninas, estas de nove a onze anos. A resposta foi: “Caboda ou Rainha do Çaire” (personagens do enredo para apresentação dos botos Tucuxi e Cor de rosa que na festa disputam por um título). É visível o fascínio da maioria com a festa, o que nos leva a crer que aquela geração continuará a tradição. Assim como também é visível a participação da escola em tal festa, que participa ativamente, inclusive paralisando suas atividades nos dias da festa e apresentando dança típica com a participação dos alunos. É notório que a participação da escola nas manifestações culturais junto às comunidades faz com que haja a manutenção dessa cultura, passando esta de geração para geração.

Logo após, na semana seguinte, passamos para o tema economia, onde introduzimos através de uma reportagem da Rede Globo, TV Tapajós, Programa Terra da Gente, que mostravam a realidade local, as fontes econômicas da Vila, o turismo, o artesanato e a pesca como meios de sustento financeiro para os moradores. Dos dezesseis alunos, um disse que a pesca é o meio de sustento de sua família. Ele relatou que seu pai pesca para vender e para as refeições em sua residência, que sempre que possível acompanha seu pai na pescaria, que o mesmo utiliza rede de pesca, tarrafa e caniço. Outra aluna relatou que, por meio de uma barraca na praia (restaurante localizado na ilha do amor), sua família garante a renda mensal. A escola também atende alunos da região do Eixo forte e comunidades vizinhas, onde, segundo eles, a agricultura familiar se faz presente. O Comércio também garante a renda das famílias dos alunos atendidos na escola. Esse, que é diretamente ligado ao turismo, por se tratar de pousadas e pequenas vendas conhecidas como mercadinho. Dois alunos apresentaram esses estabelecimentos como fonte de renda de suas famílias. Então traçamos uma cadeia: o peixe, que vai para ser comercializado no restaurante pelo turista. Ou seja, quase todas as atividades das famílias, dezesseis alunos atendidos pelo projeto, é o turismo. Apenas os que não residem na Vila de Alter do Chão, no caso, os da região do Eixo forte e comunidades vizinhas, dispõem de outros tipos de atividades econômicas. Nestas prevaleceu a agricultura familiar.

O mês de Setembro foi marcado pelos nossos últimos encontros, que contaram com a pesca como primeiro tema. Foram desenvolvidos com desenhos livres pelos alunos. A pesca também está presente no lazer dos mesmos, que relataram que em algum momento os meninos já acompanharam pai, amigos ou responsáveis nessa prática, conhecem as tecnologias nos quais são passadas através de saberes populares nos quais os alunos demonstraram dominar.

O último tema “Preservação do Meio Ambiente” foi trabalhado através de um texto no qual propusemos aos alunos descrever seus anseios quanto a não preservação ambiental, todos se mostraram preocupados quanto ao futuro, principalmente no que diz respeito à praia e as águas. Dos dezesseis alunos presentes, cerca de três citaram a tragédia ambiental da cidade de Mariana, em Mina Gerais, onde rejeitos de uma mineradora foram despejados no Rio Doce. Outros citaram a falta de respeito dos visitantes quanto à limpeza da Vila: “Caso a sujeira deixada nos fins de semana nas praias do Cajueiro e na Ilha do Amor não sessem, no futuro, esses lugares estarão contaminados”, falaram eles.

## CONCLUSÕES

Atendemos cerca de dezesseis alunos com o projeto de extensão, crianças entre nove e onze anos, acompanhados do professor graduado em pedagogia, que sempre acompanhou as atividades. Fomos orientados pelo Professor Doutor Rubens Elias Silva, que nos acompanhou sempre que possível em todas as atividades. A pesquisa contou com dois bolsistas, cada um garantiu as atividades para turmas diferentes, as duas turmas do quinto ano no turno vespertino, com bases e temas iguais, mas atividades diferentes.

A participação dos alunos se deu de forma positiva, suas vivências foram enriquecedoras para a pesquisa. Com o passar do tempo, percebemos a mudança nos discursos. A maior preocupação foi o interesse pelos assuntos ambientais e percepção do mundo ao redor e do quanto às ações deles no dia-a-dia modifica o meio que se vive.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, A e IORIS, M. A lógica do extrativismo: manejo de recursos e geração de renda por produtores extrativistas no estuário amazônico. In: DIEGUES, A. C. E MOREIRA, André C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB / USP, 2001. P. 163-180.

DIEGUES, Antonio Carlos. A etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: \_\_\_\_\_, Antonio Carlos (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HUCITEC, 2000, p. 1 – 46.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e terra, 2011.

GODELIER, Maurice. **Antropologia**. CARVALHO, Edgard de Assis (org.). São Paulo: Ática, 1981.

SILVA, Rubens Elias da. **Sob o olhar do Pai do Mangue: ensaio sociológico sobre a relação homem-natureza mediada por uma narrativa mítica**. João Pessoa: Ideia, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996. VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **Isso tudo é encantado**. Santarém: UFOPA, 2013.

LENZI, Cristiano Luiz. **Sociologia Ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. Bauru, Edusc, 2006.